

O ESPIRITISMO E A MULHER DE PRETO

Nas páginas da sua *Revista Espírita*, Allan Kardec chamou a atenção para um fenômeno que pôde observar quando o processo do seu trabalho de sistematização da doutrina espírita já estava adiantado. Trata-se da apropriação das artes da temática de cunho nitidamente espiritista para a elaboração de suas produções. Menciona Kardec, citando exemplos diversos de seu tempo, a produção de escritores, dramaturgos, pintores, cujas produções abordavam a temática da sobrevivência do espírito à morte corporal, a reencarnação e outros postulados doutrinários que se referiam de maneira clara aos princípios do espiritismo, chegando mesmo algumas a citá-lo nominalmente.

Naquele já distante período da implantação das ideias espíritas, algum leitor superficial da nova filosofia poderia pensar que se tratasse de algum entusiasmo ingênuo por parte de Kardec. E que tais apropriações por parte do mundo artístico fossem um fenômeno passageiro. Contudo, ao que parece, o teórico do espiritismo teve uma notável apreensão dos desdobramentos que aguardavam a relação arte/espiritismo. Já no final do século XIX, os irmãos Lumière desenvolviam o embrião daquela que viria ser a mais pujante indústria do entretenimento: o cinema. A chamada Sétima Arte agregou em sua produção elementos de outras instâncias artísticas, como a literatura, a fotografia e o teatro numa composição que surgiu para ficar em definitivo.

Decorrido tanto tempo das observações de Kardec acerca da apropriação da doutrina espírita por parte dos artistas de seu tempo, constata-se atualmente que a percepção kardequiana para a relação arte/espiritismo permanece mais atual que nunca. Assim, o cinema, que surgiu após o trabalho gigantesco de Allan Kardec, também se apropriou da temática espírita. Como procediam os autores à época de Kardec, os seus congêneres da arte cinematográfica lançam mão de princípios espíritas em suas produções e muitos chegam mesmo a citá-lo nominalmente. O estudioso do espiritismo deverá observar, porém, que tanto o cinema quanto as demais manifestações artísticas trabalham na perspectiva da chamada licença poética. Isto significa que nem sempre o que é mostrado nestas produções estão integralmente de acordo com a realidade dos princípios espiritistas. Um exemplo rápido disso é o filme *Ghost, do outro lado da vida*. Nesta produção que empolgou multidões mundo afora, é relatada a história de um espírito que desencarna vítima de um assassinato e se apega à realidade que deixou para

trás, vingando-se de seus assassinos, recebendo como prêmio o descanso em uma esfera superior, de acordo com as belas imagens que a retratam. Nos estudos doutrinários, sabe-se que a vingança é a alma da obsessão conforme acentuam os espíritos terapeutas, jamais sendo premiada pelas leis divinas que governam a relação entre os dois planos da vida. Daí se configura a licença poética que as artes promovem e que o estudioso da relação entre elas e o espiritismo deve estar sempre atento.

A MULHER DE PRETO

Na relação que se pode estabelecer entre o espiritismo e a cinematografia, chama a atenção a sua dupla perspectiva. Ou seja, há as produções marcadamente espíritas, como os filmes *Nosso Lar*, *Chico Xavier*, *As mães de Chico Xavier*, *O filme dos espíritos* e obras outras que não se vinculam ao movimento espírita, mas que se utilizam de sua temática, mesmo talvez sem conhecê-lo institucionalmente. O primeiro caso reporta-se à realidade brasileira. O segundo, reporta-se aos estúdios mundiais, majoritariamente os hollywoodianos e os britânicos. Uma das mais recentes, se não for a mais recente, produções dessa segunda vertente é o filme que no Brasil foi traduzido sob o título de *A mulher de preto*. Nesta obra estrelada por Daniel Radclif, mundialmente conhecido por encarnar o bruxo Harry Potter, da saga mágica que leva o nome do personagem, o espiritismo aparece tanto na temática quanto na citação nominal.

Produzido pelo estúdio inglês Hammer Films, especializado em filmes de suspense, *A mulher de preto* apresenta em seu enredo o personagem Arthur Kipss (Radclif), advogado que foi enviado por seu escritório para regularizar os documentos de uma mansão próxima a pequeno vilarejo do interior inglês. Recebido com certa hostilidade pelos habitantes da região, logo descobrirá os motivos. A mansão é amaldiçoada por eventos sobrenaturais cujo epicentro é o espírito da ex-moradora que ali se matou após ter o filho retirado de sua guarda pelas autoridades locais em função de seus problemas psiquiátricos. O filho morreu tragicamente no pântano próximo à mansão. O espírito culpa os pais adotivos pela negligência que ceifou a vida de seu filho e pretende vingar-se de todos. Sempre que ela é vista por alguém, alguma criança do povoado morre de maneira trágica sob hipnose da suicida, que se converte, em termos espíritas, em um espírito obsessor da localidade. No filme, Mr. Daily, anfitrião de Kipss, pergunta-lhe se ele acredita em espiritismo. Daily afirma que ir atrás de contato com os espíritos que nos foram caros pode ser perigoso. Arthur Kipss afirma que o

único perigo é o desapontamento por não conseguir o contato efetivo com o ente querido.

A esposa de Daily revela-se uma médium psicofônica e transmite a Kipss informações acerca do espírito obsessor, prevenindo-o das razões que levam a obsessora a vingar-se da comunidade local e logo mais do próprio Kipss que passa a vê-la com frequência na antiga mansão. O final do filme é surpreendente e dependendo da perspectiva do espectador poderá ser considerado feliz ou infeliz. O que ressalta, porém, do desfecho dessa história, é que a compreensão dos postulados espíritas em toda a sua transcendência é fundamental para que o cinéfilo possa considerá-lo trágico ou feliz, tendo sempre em perspectiva a licença poética a que fizemos referência há pouco. Uma das reflexões doutrinárias que ficam, sem dúvida, em torno de *A mulher de preto*, é relativa à presciência de Kardec em seu tempo sobre a relação inevitável que se estabeleceria entre as artes e o espiritismo, quando o sistematizador do espiritismo conclui que as artes teriam grande papel na difusão das ideias espíritas.

GISMAIR MARTINS TEIXEIRA – É Mestre em Literatura, professor e conferencista espírita.